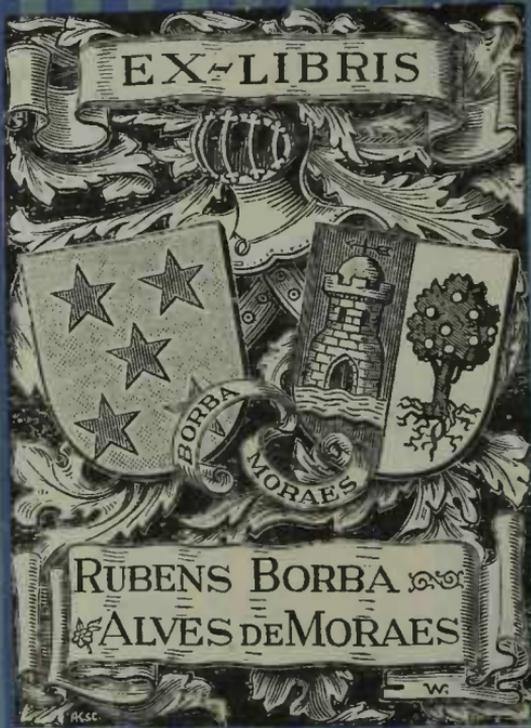


VARELLA

OS CANTOS RELIGIOSOS

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C. EDITORES



EX LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

BORBA
MORAES

P.C.S.C.

W

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CANTOS RELIGIOSOS

Na mesma casa se publicou.

CANTOS MERIDIONAES

POR

Luiz Nicoláo Fagundes Varella

1 vol. de 174 paginas elegantemente encadernado.

CONTENDO :—Oração.—O escravo.
—A cidade.—O cavallo.—Ao Rio de
Janeiro.—A morte.—Nevoas.—Á
Bahia.—A enchente.—A flôr do Ma-
racujá.—O espectro de Santa Helena.
—A somnambula.—A roça.—A cri-
ança.—Expição.—A estrella dos Ma-
gos.—Plectro.—Nocturno.—A uma
mulher.—Esperança, lenda selvagem.
—Mimosa, poema da roça.—Anto-
nico e Corá, historia brasileira.



CANTOS RELIGIOSOS

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

E

Ernestina Fagundes Varella



Rio de Janeiro

Em casa dos Editores

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

—
1878

Á MEMORIA DE MINHA QUERIDA MÃI

D. Emilia de Andrade Varella

E. F. V.

Estrellas
Singelas,
Luzeiros
Fagueiros,

Esplendidos orbes, que o mundo aclarais !
Desertos e mares, — florestas vivazes !
Montanhas audazes que o céu topetais !

Abysmos
Profundos !
Cavernas
Eternas !
Extensos,
Immensos
Espaços
Azues !

Altares e thronos,

Humildes e sabios, soberbos e grandes !
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz !
Só ella nos mostra da gloria o caminho,
Só ella nos falla das leis de — Jesus !

AOS PAIS DE FAMILIA

Este collar de perolas, estas elações que me fôrão confiadas pelo Dr. Emiliano Fagundes Varella, para que as fizesse conhecidas do publico, são primicias de dous talentos irmãos: — Os *Cantos Religiosos* do laureado poeta Fagundes Varella e de D. Ernestina Varella, tenho intima confiança, hão de ser lidos no seio da familia brazileira e portugueza com a attenção a que têm jus; tanto mais que a sua procura encerra uma intenção generosa. Se os pais de familia desejarem galardoar os infantis esforços intellectuaes de seus filhos, offerecendo-lhes como premio de

animação este livrinho, não só contribuirão para formar-lhes o coração no amor de Deus, como também prestarão benefico auxilio ao patrimonio das duas orphãs filhas do mallogrado autor e sobrinhas da poetisa, que em tão bôa hora estréa, contribuindo com as mimosas estrophes inspiradas pela crença de sua alma para enriquecer a litteratura patria.

Aos pais de familia e ao publico recommendo e peço a leitura dos *Cantos Religiosos*.

OCTAVIANO HUDSON.



Em toda a parte

Quando alta noite as florestas,
Ao soprar das ventanias,
Tenebrosas agonias
Trahem nas vozes funestas;
Quando as torrentes bravejão,
Quando os coriscos rastejão
Na espuma dos escarcéos,
Então a passos incertos
Procuro os amplos desertos
Para escutar-te, meu Deus!

Quando na face dos mares
Espolha-se o rei dos astros
Cobrindo de ardentes rastros
Os ceruleos alcaçares,
E a luz domina os espaços

Partindo da nevoa os laços,
Rasgando da sombra os véos,
Então resoluto, ufano,
Corro ás praias do Oceano
Para mirar-te, meu Deus!

Quando ás bagagens do estio
Tremem os pomos dourados
Sobre os galhos pendurados
Do pomar fresco e sombrio,
Quando á flôr d'agua os peixinhos
Saltitão, e os passarinhos
Se cruzão no azul dos céos,
Então procuro as savanas,
Me atiro entre as verdes canas
Para sentir-te, meu Deus!

Quando a tristeza desdobra
Seu manto escuro em minh'alma,
E vejo que nem a calma
Desfructo que aos outros sobra;
E do passado no templo

Letra por letra contemplo
A nenia dos sonhos meus;
Então me afundo na essencia
De minha propria existencia
Para entender-te, meu Deus!!



ORAÇÃO

Senhor! Lavasto os pés a teus amigos!
Deste-lhes força, e animo, e virtude,
Para seguirem da verdade as trilhas!
Quem meus pés lavará? Quem a meu genio
Dará brilho e vigor? Quem da vertigem
Preservará meu cerebro? Eis-me fraco,
Sem estro, sem saber, sem guia e mestre,
Meu Deus! acompanhando-te nos transes
Desse penar immenso, onde empenhada
A eternidade abraça-se á materia!
Jesus! . . dá-me valôr! Lava minha alma!
Lava-me a lyra, a inspiração, a penna,
Como lavaste os pés a teus amigos!
Faze que eu não fraqueie, não tropece!

Mas se, embora de rastros, arquejante,
Vencido pela dôr e pela febre,
Eu tenha de seguir-te, oh! seja feita
A vontade de Deus bem dita sempre!...

DO EVANGELHO NAS SELVAS.



AVE! MARIA!

A noite desce, — lentas e tristes
Cobrem as sombras a serrania,
Calão-se as aves,— chorão os ventos,
Dizem os genios:— Ave! Maria!

Na torre estreita de pobre templo
Resôa o sino da freguezia,
Abrem-se as flôres,— Vêesper desponta,
Cantam os anjos :— Ave! Maria!

No tosco alverguê de seus maiores,
Onde só reinão paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes:— Ave! Maria!

E, longe, longe, — na velha estrada,
Pára,—e saudades á patria envia,
Romeiro exausto, que o céu contempla
E falla aos ermos:— Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende nevoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho:— Ave! Maria!

Nas soledades, sem pão nem agua,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama:— Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dubias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o impio,— não diz o avaro,
Não diz o ingrato:— Ave! Maria!

Ave! Maria!— No céo, na terra!
Luz da alliança!— Doce harmonia!
Hora divina!— Sublime estancia!
Bem dita sejas!— Ave! Maria!

MAMAN

(IMITAÇÃO)

Oh! primeiro som que exhala
A infancia, toda pureza,
Quando ainda bem não falla,
Quando ainda é singeleza!
Instincto da natureza!
Palavra que Deus envia
Á debil voz que a murmura,
Para mostrar a alegria,
E para expressar a dôr!
Verbo que tem a doçura
Das benções do Creador!

Elixir, balsamo eterno,
Sôpro que o mundo equilibra
E as cordas sinceras vibra
De bom coração materno!

Expressão cujos encantos
Enche os seios de almo gôzo
Estancando ardentes prantos
Que faz rebentar o esposo!...

Nem da briza o rumorejo,
Nem o genio que suspira,
Nem do poeta o desejo
Roçando as cordas da lyra;
Nem o susurro da lympha
Que beija marmórea nympha
No seu grego pedestal,
Nem glorias que reis outorgão ;

E o gemer pausado do orgão
Em antiga cathedral,
Nem as primicias ingenuas
De um talento virginal,
Nem as bellezas extrenuas

De um pensador sem rival,
Nem o clarão da manhã
Trazendo ao mundo a esperança,
São como a voz da criança
Quando murmura — maman !



VOZ DO POETA

Perdão, Senhor, meu Deus! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações mudos succedem-se,
Mas eu sinto-te o sôpro dentro d'alma!
Da consciencia ao fundo te contemplo!
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,
E em ti me alegre, e canto, e penso!

Da natureza inteira que avientas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti e a ti se volta;
Presente em toda a parte, e em parte alguma,
Intima fibra, espirito infinito,

Moves potente a criação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a gloria!
Se não posso adorar-te face á face,
Oh! basta-me sentir-te sempre, e sempre!

Eu creio em ti! eu soffro, e o soffrimento
Como ligeira nuvem se esvaece,
Quando murmuro teu sagrado nome!
Eu creio em ti! e vejo além dos mundos
Minha essencia immortal brilhante e livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca dessa brancura immaculada
Que os genios inspirados nesta vida
Em vão tentárão descobrir no marmore!

PSALMO I

Ditoso o justo que afastado vive
Do concilio dos máos e do caminho
Trilhado por perversos peccadores!
E que nunca ensinou, bem como impio
Do negro vicio as maximas corruptas!

Ditoso o homem que fiel concentra
De seu Deus Creador na lei divina
Todo o seu pensamento e seu affecto,
E nella só medita noite e dia!

Elle será qual arvore frondosa,
Banhada por arroios crystallinos,
Que bons fructos produz na quadra propria,
E nunca perde o viço e a louçania.

Quanto a sorte do impio é diferente!
Brinco do acaso, das paixões joguete,
Assemelha-se ao pó que o vento agita
E sobre a terra desdenhoso espalha.

No dia, pois, do santo julgamento
Perante o Deus severo, confundido,
Fulminado será, deixando ao justo
O premio promettido: a gloria eterna!

FRAGMENTO

Se eu tivesse boijado a santa relva
Que nas tardes de outono se amolgavam
Às niveas plantas da mulher divina,
Quando pelas collinas pensativa
Levava a passear o tenro filho,
Descendente de reis, dos reis arbitrio!

Se eu tivesse escutado a voz suave
Do celeste enviado, annunciando
Ao throno de David um novo herdeiro ;
Se eu tivesse mirado o olhar profundo,
Vasto, sem nome na palavra humana,
Que Maria cravou nas mãos sangrentas,
Nas faces maceradas de seu filho!
Se eu a seguisse em seus pezares todos,

•

Se eu olhasse o Calvario, a Cruz, os pregos,
As flácidas esponjas embebidas
De fel e de vinagre; se cahisse
Uma lagrima só daquelles olhos
Sobre minha cabeça, eu desprezára
Glorias de Homero, de Virgilio e Dante,
De Tasso e de Camões!—laurel eterno
Cingira minha fronte vacillante!....

Mas ai! em éra torva e viciosa
Educou-se meu estro!.... A doce lyra
Do mago Hebron, ou do Sinai amiga,
O estylo dos prophetas seguiria!....



PRECE

Jesus! Salva-me a fé, que abaixa os montes,
Que faz parar o sol, achar piloto
No mais tímido passaro que traga
Um ramo de oliveira, no enviado
Que me arreda dos fundos precipícios!
Salva-me a fé! — Ó Christo! das alturas
Tu meu unico Deus, minha esperança,
Minha estrella polar, sol de meus dias,
De meu talento inspiração divina,
Ó Christo, a quem minha harpa hei dedicado,
Ó Christo! Ó meu Senhor! faze que brote
De meus tímidos labios a verdade!



A ESTRELLA DOS MAGOS

HYMNO PARA NOITE DO NATAL

A noite se adianta, as horas passam
Mudas, solemnes, sobre o globo immerso
Nos mysterios do somno;—a tumba e oberço
Parece que se abração,
E neste instante iguaes
Somem no olvido as ambições mortaes!

Salve, estação propicia aos pensadores!
Salve!... Prodigio! Que luzeiro é esse
Que entre as sombras da noite resplandece,
Offuscando os fulgores,
Apagando o clarão
Dos cyrios immortaes da vastidão!

Donde vens, gloria do espaço,
Bella estrella radiante
Que campéas triumphante
Sobre as chans de Senaar?

Como és linda! Ao vêr-te, os astros
Por sobre as nuvens revoltas
Rolão como pedras soltas
Do teu desfeito collar!

Que maravilha opera-se no espaço?
Que respirar de fogo agita os mundos?
Que vento abrazador dos céos profundos

Baixa sobre o regaço
Da terra que fluctua

Entre o dia e a noite, incerta e núa?

Brizas prenhes de aromas, deleitosas,
Quentes brizas da Arabia! onde aprendestes
Estes cantos subtis, mais que terrestres,

Estas vozes chorosas,

Estas queixas de amor,

Que aos pés soltais d'amendoeira em flôr?

Brilha, sol da meia noite!
Sol talvez do um bello dia,
Quo a sombra turbida e fria
Do nosso globo encontrou!

Sol de plagas mais felizes!
Sol quo outros seres anima!
Quo sobre este pobre clima
De Deus a mão arrojou!

Borboletas do ermo! Aves do monte!
Creaturas da noite! que alegria
Estranha vos anima? O novo dia
 Quo abeira os horizontes
 Acaso nos trará
Inaudito favor do Jehovah?

Oh! cortamento! os astros não se abalão,
Tão commovida a terra não palpita,
A natureza toda não so agita,

As solidões não fallão!
Não exultão os céos
Se os não roçasse o halito de Deus!

Oh! Sim! tu vens do Oriente,
Passaste sobre as cimeiras
Das montanhas altaneiras
Onde a luz seu throno tem!

Trazes, quem sabe, em teus raios
A palavra da verdade!
Prodigio da immensidade!
Dize, o que succede além?

Mundo recém-nascido! Astro brilhante!
Cujo clarão vivaz me entorna n'alma
Doces lampejos de celeste calma!
Estrella radiante,
Gloria da criação!
Aceita minha humilde adoração!

As aldeias alegrão-se, os pastores
Saheo de seus casaes cantando hosanas!
Das tendas do deserto, e das cabanas,
Hymnos, risos e flôres
Se levantão á flux!
Tudo se volta aos céos, e brada — Luz!

Gloria ao Senhor nas alturas!
Paz aos homens neste mundo!
Genios do abysmo sem fundo!
Torcei-vos,—nasceu Jesus!

E vós, filhos do peccado,
Quebrai, quebrai, vossos ferros!
E, livres de escuros erros,
Erguei-vos! Saudai a — Luz!

ANJO DA GUARDA

(IMITAÇÃO)

Mais c'est vous, oui, c'est vous, ó mon Ange gardien !
Vous dont le cœur me reste et pleure avec le mien !

LAMARTINE.

Reconheço esta voz que me falla
No silencio da noite a meu lado;
Não tem mais de outro tempo a doçura,
Não tem mais o vibrar do passado!

Está triste, aquebrada, e tão funda
Que meu ser estremece de a ouvir;
De uma cova nefasta e profunda
Ah! parece que a sinto partir!

Praza a ti, grande Deus, que meus dias
Cheguem cedo a seu marco final!

Tem do céu esta voz harmonias,
Mas, Senhor, esta voz me faz mal!

Esta voz é de um anjo que chora,
Que soluça das trévas no meio.
Santa imagem! meu mal que deplora
Oh! mais doido trucida-me o seio!

Sim, conheço esta voz! quantas vezes
O seu timbre amoroso escutei,
E da vida nos atros revezes
Quanta vez esta voz desprezei!

Reconheço esta voz que me falla
No silencio da noite a meu lado;
Não tem mais de outro tempo a doçura,
Não tem mais o vibrar do passado!

E. VARELLA.

A JESUS CRISTO

Oui ! de quelque faux nom que l'avenir te nomme,
Nous te saluons, Dieu !

LAMARTINE.

Jesus ! as tuas doutrinas
Puras, eternas, divinas ,
Enchem minh'alma de fé !
Tua sagrada lembrança
Dá-me celeste esperança,
Ó mestre de Nazareth !

Em vão a turba insensata
Em seus desvios ingrata,
Busca-te o nome olvidar !

Na fiel, tenaz memoria
Tua sacro-santa historia
Redeviva ha de brilhar!

A virtude, a heroicidade,
As crenças da mocidade,
Tudo, Senhor! vem de ti!
Só justiça, amor, verdade,
Ensinaste á humanidade,
Santo filho de David!

Em teu nome ao desgraçado
Dá o rico afortunado
Abrigo, conforto e pão!
Ao mais torpe criminoso
Concede o varão piedoso
O grato nome de irmão!

Ah! Se estas idades sevas
Teu culto votão ás trevas,
Que virtudes restaráõ!?

Sobre o mundo, fero, insano,
Tremulará soberano
Da maldade o pavilhão!

Porém não! Tu reinarás!
Eternamente serás
O pharol da humanidade!
Em balde hodiernos sabios,
Tendo o embuste nos labios,
Te neguem a divindade!

Clame embora a impiedade!
Extingua-se a christandade,
Sublime, Excelso Jesus!
Mas do templo derrocado,
Pelos homens profanado,
Eu exaltarei a Cruz!

E. VARELLA.

CANTICO

Quando rugé a tra borrasca,
E sibila o vendaval,
Nas azas do temporal
Diviso o Deus do Sinai!
Quando em negra serrania
Passa o raio abrazador,
Cheia de fé e terror
Vejo a face de Adonai!

Porém, se em noite serena
Se eleva o nocturno facho,
E sobre o ledó riacho
Derrama serena luz,

Então vejo a Galiléa,
E sobre as verdes collinas,
Assentado entre boninas,
O louro e meigo Jesus!

Adonai! Deus vingador!
Terrível e justiceiro!
Deus eterno e verdadeiro,
Dai-me forças, crenças, luz!
E tu, manso Nazareno,
Igual ao Padre em poder!
Não me deixes perecer!
Dá-me fé e amor, Jesus!

E. VARELLA.



PADRE NOSSO

Padre Nosso, que estás no céo, na terra,
Pai do rico, do nobre e do mendigo,
Pai de eternas phalanges e dos astros,
Pobre verme da terra, eu te bendigo!

Seja sempre teu nome abençoado
Do menino, do rei, do proletario;
Colebrado no céo, e cá na terra
Em cada coração tenha um sacrario!

Do teu reino celeste a recompensa
Concede aos miseraveis peccadores!
E que tua vontade omnipotente
Se cumpra até do inferno entre os horrores!

O pão nosso nos dá do cada dia,
O pão da alma também, o pão da vida,
Que os corpos alimenta, e a consciencia
Faz robusta tornar-se e esclarecida.

Perdôa as nossas dividas immensas,
Assim como nós outros perdoamos;
E do tredo imigo atras ciladas
Livra-nos, por quem és! nós te rogamos!

E. VARELLA.



A IMMACULADA CONCEIÇÃO

Ó Virgem das Virgens pura!
Perdôa, se neste dia
Teu nome augusto, Maria,
Meus labios ousão cantar!
Perdôa, escuta meus cantos,
Ó filha do Padre-Eterno!
Que as potestades do inferno
Pudeste ás plantas calcar!

Ah! nestas mesquinhas éras
De feia incredulidade
Cala-se a voz da verdade,
Resurge a — Deusa Razão!

C. R.

Mas eu, pobre ignorante
Destas sciencias de agora,
Sigo as doutrinas de outr'ora
E as vozes do coração!

Sigo a mulher que no seio
Trouxe a verdade e a luz,
Que, dando a vida a Jesus,
É quasi a Jesus igual!
Santa Mãi! immaculada!
A luz, esperança nossa!
O mel que o amargor adoça
Da pobre taça mortal!

Mais doce que o louro favo,
Mais bello que o sol nascente,
Que os perfumes mais olente,
Maria, teu nome é!
Estrella do mar serena!
Auxilio dos peccadores!
Allivio de nossas dôres!
Salve! esposa de José!

Por entre ceruleas nuvens,
E tendo a teus pés a lua,
Sobre um mundo que fluctua
Pintão-te assim os fieis!
Mas eu te vejo, Senhora,
Entre o Padre e o Filho erguida,
Formosa, brilhante, ungida
Pelo eterno amor dos —Tres!

E. VARELLA.



ORAÇÃO

I

Jesus! Filho de Deus! Quero adorar-te!
No céo, na terra, no universo inteiro,
Vejo teu nome escripto em toda a parte
Onde vai meu olhar de forasteiro!
Milagres de saber,— prodigios de arte,
Senhor e servo, artista e pegureiro,
Todos repetem neste mundo vario
O poema sublime do Calvario!

II

Os astros de mais luz— orbes immensos,
Hyperboles lançadas sobre os ares,
Brilhantes a rolar em mares densos,
Escapados de angelicos collares;

Genios supernos,— cherubins infensos,
Tudo, tudo, Senhor, em teus altares
São miseras offertas que a desgraça
Logo tansforma em pó, cinza e fumaça!

III

A faxa branco-azul dos hemispherios
Onde palpitão borboletas de ouro,
Estrada excelsa dos salões sidereos,
Mostra a meus olhos immortal thesouro!
Ali vagueião meus irmãos ethereos!
Ali repousa meu sonhar vindouro!
Ali da gloria resplandece a origem!
Ali domina a sempiterna Virgem!

IV

Ó Christo! se de um sangue sacro-santo
Banhaste a gleba vil onde pisaste,
Se jogarão soldados em teu manto
Quando da cruz as dôres supportaste,

Tudo mudou-se! Do divino pranto
Constellações sem numero formaste!
Da tunica manchada por immundos
Fizeste o pavilhão que abriga os mundos!

V

Nos bellos tempos da saudosa infancia,
Quadra de louros sonhos, de esperanças,
Ouvia-te das balsas na fragancia
— Vinde, vinde até mim, pobres crianças!
Tu me déste a miseria e a abundancia,
Quando chorei, me consolaste, ó Deus!
Ao clarão immortal dos olhos teus!

VI

Rujão embora as vagas do oceano
Mandando aos alcantis navio incerto,
Corra o gladio do barbaro tyranno
Transformando as cidades em deserto!

Passe da peste e morte o sopro insano,
Medonho, horrendo, em boqueirão aberto !
Flagelle a humanidade a sêde, a fome...
Ó Christo ! Creio em ti, creio em teu nome !

VII

Jesus ! hoje, porém, se os livros abro
E o fructo colho da fatal sciencia,
Tudo vejo em terrivel descalabro !
Nem crenças, nem razão, nem consciencia,
De velha planta tronco feio e glabro
Volve este pobre mundo em decadencia !
Só tu pódes verter aos homens luz,
Arvore Santa, onde soffreu Jesus !

A UM SABIÁ

Quando tu cantas, lembro-me da infancia,
De meu torrão natal as verdes mattas;
A dôr que me devora suavisas,
Quando preso, innocente, a voz desatas!

Quando cantas, eu lembro-me dos bosques,
Do cicio saudoso das florestas,
Da sombra perfumosa dos palmares,
Da natureza as mais brilhantes festas!

E quanto erão formosos esses campos,
Distantes do bulicio da cidade!
Quando em vez da tristeza, luto, prantos!
Era o sol, o ar livre, a liberdade!

Hoje tudo perdi, no peito exausto,
Palpita lacerado o coração!
Seccou a pura fonte onde bebia
Enthusiasmo, fé, inspiração!

Mas tu, ave sonora, canta sempre!
A nenia, cantarás dos sonhos meus!
Canta, canta, porque n'um teu gorgoeio
Minha alma ha de subir aos pés de Deus!

E. VARELLA.



CANÇÃO DO ESPOSO

A Benedicto Velloso.

Acorda, ó alma querida,
Já desponta a madrugada,
Sobre a campina orvalhada
Vejo mil rosas florir ;
E tu, que és luz de meus olhos,
Meus enlevos, meus encantos,
Não ouves meus ternos cantos?
Não vens a janella abrir?!

Ouve, escuta, os passarinhos
Soltão threnos seductores,
Saudando os primos albores
Desta aurora de verão ;
Da figueira os moles pomos
Fresca brisa rociada
Rasga a veste assetinada,
Juncando delles o chão.

Mas dormes, e não contemplas
As pompas da natureza ;
Desadoras a belleza
Desta ingente criação ?!
Preferes aos ledos cantos
Ao docè aroma das flôres,
Á voz de alados cantores
O teu flacido colchão !

Tudo acorda, se embriaga
Dos effluvios deleitosos,
Ao som de cantos formosos
Neste magico vergel.

Eu, cansado de chamar-te,
Ergo ao céo olhos chorosos,
Meus suspiros dolorosos
Não te acordaráõ cruel?!

E. VARELLA.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).